



Os 90 anos da Santa Casa da Misericórdia

# António Dias Garcia,

*O Conde que partiu do nada para chegar a tudo*

## Ano de 1940: desaparecem dois exemplos maiores de benemerência

O ano de 1940 consta nos anais da nonagenária história da Misericórdia sanjoanense por se registar nele o passamento de dois exemplos perenes de benemerência, figuras maiores desta instituição, o presidente da Comissão Instaladora do Hospital, Padre António Joaquim de Oliveira, falecido em Cesar, a 23 de Janeiro de 1940, e o Conde António Dias Garcia, falecido no Rio de Janeiro, no Brasil, em 29 de Outubro desse mesmo ano. Homens da mesma geração, elevam-se à condição de beneméritos da Misericórdia por obras idênticas valorosas mas expressivamente distintas, premiando a Irmandade, nestes reconhecimentos, dois percursos possíveis para consumação do mandado *“dos que podem aos que precisam”*, divisa mentora da plurissecular história destas instituições. Estes percursos distintos têm, ainda hoje, tradução no clausulado estatutário: a via do trabalho abnegado, contínuo e gracioso em favor da realização das obras de Misericórdia, e a via da doação e legado de recursos importantes à materialização daquelas mesmas obras. António Dias Garcia encima o rol dos grandes beneméritos que se afirmam por esta via, da doação e do legado.

## Dias Garcia, membro da trindade bendita de grandes beneméritos

Nascido a 2 de Abril de 1859 em S. João da Madeira, António Dias Garcia emigra para o Brasil aos 12 anos, encetando uma profícua vida comercial, construindo uma das maiores empresas comerciais do Brasil e posicionando-se como um dos maiores vultos da colónia portuguesa naquele país, tendo sido o primeiro Presidente da Federação das Associações Portuguesas do Brasil. À exemplaridade do percurso profissional associa traços de carácter que levam à atribuição do título de Conde pelo Santo Padre Pio IX (sob proposta do Cardeal Arcoverde do Rio de Janeiro) bem como a integrar, no dizer de Serafim Leite, a *“trindade bendita dos grandes beneméritos da nossa terra”*, conjuntamente a Luís Ribeiro e Oliveira Júnior. Reconhecido ainda em vida pela comunidade sanjoanense, com a inauguração de uma estátua nesta vila em 12 de Fevereiro de 1939 (iniciativa a que presidiram, na Comissão de Honra, António José Pinto de Oliveira, Manuel Luís Leite Júnior e Benjamim Valente da Silva), teve a oportunidade de constatar o respeito e afecto que lhe era dedicado, atestados no cortejo de conterrâneos formado aquando da sua chegada do Brasil, em 30 de Junho de 1938, no cortejo cívico que precedeu o descerrar da estátua, e nos discursos e felicitações recebidas na sessão solene dessa festiva data.

## A fidalguia inata, do valor verdadeiro

O respeito e afecto advinha-lhe da generosidade (proverbal) expressa em inúmeros actos de benemerência realizados ao longo de décadas, entre elas a subscrição para a compra do Palácio dos Almadas (ou Palácio da Independência, sito em Lisboa, conhecido pelos acontecimentos históricos que



ali tiveram lugar aquando da Restauração de 1640), promovida pelos portugueses do Brasil, entre outras inúmeras iniciativas em que acompanhou o Albino Francisco Corrêa, Visconde de S. João da Madeira, detalhadas na presente colecção de artigos, na síntese biográfica dedicada a esta indelével figura sanjoanense. Tomados em nome próprio, teve diversos outros gestos que testemunham a sua nobreza e fidalguia – substantivos usados por Serafim Leite para o adjectivar no elogio póstumo que fez publicar – impondo-se recuperar alguns desses actos para melhor estabelecer os contornos desta importante personalidade da memória colectiva sanjoanense. Segundo o mesmo Serafim Leite, não houve instituição local que não beneficiasse do seu apoio, desde obras religiosas e sociais, à Misericórdia e à edilidade, asseverando no século o carácter fidalgo do Conde Dias Garcia, dessa *“fidalguia inata, simples e modesta, apanágio apenas do valor verdadeiro”*.

## Dias Garcia, o filantropo

Na edição de *“O Regional”* n.º468, de 1 de Janeiro de 1941, Belmiro António Silva, futuro Presidente da Assembleia-geral da Santa Casa, arrola as benemerências feitas pelo Conde Dias Garcia, ou por sua esposa, Carolina Maria de Oliveira, e suas três filhas em seu nome, balanço que antecipa apenas aproximativo porquanto *“o completo agrupamento é impossível (pois) umas coisas não lembram, outras não estão registadas, e outras ainda nem sequer se conhe-*

*cem.”* Apesar desta limitação, o inventário da beneficência aproxima-se dos mil contos, em valores da época, merecendo a Misericórdia o recebimento de donativos no valor de 340.663\$81, recolhidos entre 1922 e 1940, somando verbas para a fundação do Recolhimento dos Velhos Inválidos (predecessor do actual Lar de Idosos S. Manuel), para a fundação da Maternidade, para o banco hospitalar, para os pobres da lista do hospital, e para o calcetamento da entrada deste mesmo hospital. Para além da Misericórdia, são significativos os donativos feitos à Capela de Santo António, ao Santuário de Nossa Senhora dos Milagres, aos Bombeiros Voluntários, à Câmara Municipal,

à Banda de Música, às escolas (ainda hoje um destes estabelecimentos conserva o seu



nome), e ao campo de jogos. Lídimia ilustração da sociedade-providência, conceito construído pela Sociologia para enquadrar aqueles que não alijam responsabilidades com a sorte do seu semelhante, o Conde Dias Garcia dispôs dos seus recursos para assistir às necessidades dos mais vulne-

ráveis, num tempo em que o Estado não assumia ainda a função providencial que vem a reconhecer algumas décadas depois. Auxilia a *“Caixa Escolar”*, atribui prémios de mérito aos melhores alunos, e concorre ainda com dinheiro para o fornecimento de pão às famílias operárias durante a grave crise de trabalho de 1925.

## Dias Garcia, o bairrista

Nas preocupações do Conde Dias Garcia assomam também os melhoramentos na sua terra natal, desde a iluminação pública ao calcetamento de ruas. Apoia com donativos a execução de monumentos ainda dispostos presentemente na cidade (o monumento ao Dr. Maciel, aos Mortos da Grande Guerra, e os bustos de Oliveira Júnior e de Luís Ribeiro), bem como melhoramentos diversos, com realce para a adaptação das instalações do Colégio Castilho, a adaptação da residência paroquial em quartel da G.N.R., a edificação do coreto, a arborização do adro da Igreja Matriz e a substituição por soalho do mosaico da capela-mor, e a construção do fontanário de granito então colocado na praça Luís Ribeiro e presentemente deslocado para as proximidades da Biblioteca Municipal. Estes são exemplos respigados de testemunhos da época e que não esgotam de todo o âmbito de acção que teve.

## Partiu do nada para chegar a tudo

António Dias Garcia vem a falecer aos 81 anos, no Rio de Janeiro, onde jaz no cemitério de S. João Baptista da Praia Vermelha. Todos os jornais diários de Lisboa e Porto reportam o seu passamento, facto que revela a dimensão nacional desta nobre figura sanjoanense, já desvelada na atribuição do título de Comendador da Ordem de Instrução e Benemerência pelo Governo português, sob proposta do Ministro da Instrução Nacional. A edição de *“O Regional”* n.º491, de 10 de Novembro de 1940 é-lhe dedicada, com artigos lavrados pela pena das mais prestigiadas personalidades locais, como Serafim Leite, João da Silva Correia, Belmiro Silva, António José Pinto de Oliveira, António Maria Almeida e Pinho, e José Cerqueira de Vasconcelos, Legou à Misericórdia 150 apólices federais de um conto de reis do Brasil, para o recolhimento de Velhos São Manuel. A viúva, Carolina Maria de Oliveira, Condessa Dias Garcia, *“filha adoptiva de S. João da Madeira”* regressa à vila em 1946, acompanhada de duas das filhas. No aniversário da morte do saudoso esposo, manda rezar cinco missas por sufrágio de sua alma, entregando esmolas aos pobres que acompanharam estes actos pios. A Condessa vem a falecer em 1957, no Rio de Janeiro, sem interromper as ajudas à Misericórdia, que a elevou igualmente à condição de benemerita, mesmo quando deixou de colaborar com outras iniciativas da terra, chocada com algumas atitudes desrespeitosas para com o seu esposo. Através desta postura a Condessa homenageou e defendeu a memória de um homem que *“partiu do nada para chegar a tudo”* e que tão bem personifica a alma obreira sanjoanense.